



CAPÍTULO

I

Desporto, Formação e Hipermodernidade

José Fernandes Rodrigues^{1,2}

¹Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Instituto Politécnico de Santarém

²Centro de Investigação em Qualidade de Vida

Introdução

Abraçamos este desafio de refletir sobre a formação pedagógica em desporto, procurando desenhar os contornos de um futuro que almejamos com qualidade e competência na intervenção dos profissionais do desporto. Confrontamo-nos com a dura realidade de ligeireza na regulação e opacidade nos processos educativos que orientam a formação dos técnicos.

Pretendemos refletir sobre o efeito que a era da hipermodernidade, atual na nossa sociedade, tem sobre a formação dos técnicos de desporto, particularmente no ensino superior. A relação potencial existente entre estas temáticas parece, à primeira vista, ligeira, mas num olhar mais profundo verificamos o estado da formação neste momento crucial para a nossa sociedade. Em que a valorização da leveza e do efémero presente influencia as perspetivas e planos de desenvolvimento futuro do desporto, enquanto facto social total, e por conseguinte também a formação de técnicos de desporto.

Na exploração de fenómenos como o desporto, importa abrir a perspetiva para uma análise global, sistémica, ou melhor total, na conceptualização de Mauss (2003). Este fenómeno, o desporto é tão relevante para a nossa sociedade, quer na sua mediatização, quer na sua interdependência, ou melhor na sua complexidade, na abordagem que Morin (2000) sustentou.

O futuro da formação em Desporto

Na nossa era confluem inúmeras correntes e tendências ideológicas e pragmáticas que condicionam a vida dos cidadãos e das organizações. Faremos, antes, uma abordagem pela concetualização da modernidade, ou melhor, da hipermodernidade, como moldura dum quadro temporal que sustenta as nossas práticas sociais, e em concreto os processos de formação em desporto.

Para Lipovesky (2017, p.17), “a leveza era um ideal estilístico ou um

vício moral. Tornou-se uma dinâmica global, um paradigma transversal, um “facto social total” impregnado de valor tecnológico e económico, funcional e psicológico, estético e existencial. Atualmente abundam os domínios que exprimem o combate do leve contra o pesado. A era hipermoderna é inseparável de uma revolução multidimensional da leveza cujo ritmo é vertiginoso”. A atualidade está impregnada de conceitos leves (*light*) que como iremos verificar influenciam também o sentido de desenvolvimento do desporto e da formação dos técnicos. A leveza dos corpos e a necessidade de aligeirar a motricidade dos cidadãos, facilitando e mobilizando a prática desportiva, tornou-se imperioso.

A hipermodernidade surge como um desafio às gerações atuais numa perspetiva de cidadania, mas também compromete a formação de técnicos de desporto no ensino superior que é o nosso fulcro temático.

Surgem naturalmente as questões sobre o nosso próprio desenvolvimento: - qual é o nosso ponto de partida? - o que estamos fazendo? - que formação desejamos ter no ensino superior em desporto? - para onde caminhamos? - para que futuro?.

Se partirmos da definição aprovada na Carta Europeia do Desporto, artigo segundo, número um, alínea a), (Conselho da Europa, 1992), em que “Entende-se por desporto todas as formas de actividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”, temos um contexto de atividade profissional muito vasto e diversificado nas suas especificidades, o que condiciona as opções de desenvolvimento curricular à luz da leveza que se pretende para um futuro próximo.

Segundo Sarmiento (2018, p.166), “o desporto está ao serviço do Homem como prática e como pedagogia e por isso é de todos e de cada região e é nessa qualidade que se apresenta como estrutura essencialmente participativa, democrática; apresenta-se como um conceito institucional na responsabilidade de fomentar a actividade desportiva”. Sarmiento reforça a importância deste fenómeno, para o desenvolvimento dos cidadãos enquanto sociedade organizada e orientada para o bem comum. Refere, ainda, que se “pretende assim o desporto implantado nas suas regiões – e percebe-se implantado como manifestação cultural, planificar-se para os seus cidadãos beneficiários, devidamente esclarecidos e apoiados – segundo os princípios do máximo desenvolvimento das suas capacidades e das suas

responsabilidades cívicas e sociais... porque o desporto também é cidadania”. Esta assunção de responsabilidade social característica do desporto enquanto facto social total denota o interesse que esta atividade tem para a nossa sociedade, nos domínios da educação, da saúde, da ética, da economia, etc..

Ao analisarmos os modelos de formação mais comuns no ensino superior em desporto, verificamos que existem algumas características próprias: - tratam predominantemente de ciências do desporto; - promovem as competências técnicas (dos desportos selecionados); - exploram as especificidades dos diversos contextos profissionais (da intervenção); - desenvolvem alguns saberes relacionais ou comunicacionais; - fazem uma introdução aos procedimentos de investigação científica; - estimulam os processos de inovação, criatividade e empreendedorismo; - ainda desenvolvem pontualmente outros temas (*soft skills*, línguas, tecnologias, etc.).

Contudo, segundo Sarmiento (2018, p.170) “o conhecimento criado até hoje não vai além da pretensão de interdisciplinaridade da confluência das Ciências Humanas, das Ciências Naturais e das Ciências Sociais(...)”, sabendo nós que existe muita dificuldade em congregar todas as abordagens científicas numa designação própria de ciências do desporto. Sarmiento considera que “este é o nosso desafio epistemológico, voltando a nossa atenção para esta hipótese temporal de pesquisa – e que até agora não passou de promessa fugidia – a uma efectiva realidade científica.”

Deste modo, é adequado colocar em dúvida o que estamos fazendo na formação dos técnicos de desporto. Estaremos a formar alunos para um passado que já não existe? A resposta parece ser positiva.

O conhecimento técnico e científico advém da investigação validada e testada, que demora tempo a processar, validar entre os pares e publicar para a sociedade.

Os problemas de ensino e aprendizagem propostos aos alunos não são projetados no futuro, mas antes decorrentes das situações reais existentes, tratando-se de uma aproximação à realidade socioprofissional.

E ainda, quanto aos contextos profissionais atuais, estes derivam das necessidades do mercado e dos profissionais, entendidos aqui como os atores mais importantes do processo de integração profissional.

Então qual é o futuro que perspetivamos? Julgo importante estender esta questão às seguintes, mais específicas:

- quais são os modelos de formação mais leves e mais adequados à

sociedade do futuro e às profissões vindouras? O tempo disponível para a formação será naturalmente mais leve e mais veloz. As horas letivas tenderão a ser exclusivamente horas de aprendizagem. Os modelos serão desenvolvidos na perspectiva imediata do formando e das suas competências;

- como devem os processos pedagógicos inovar criando problemas de aprendizagem para as competências futuras? Sabendo quais as competências a desenvolver os processos pedagógicos deverão ser aligeirados e miniaturizados, talvez mesmo, desmaterializados;

- que conhecimento será necessário, numa sociedade superinformada? Numa sociedade digital o conhecimento está muito acessível, pelo que o futuro da formação terá que passar pelo desenvolvimento de competências para aceder com qualidade ao conhecimento especializado;

- que competências devem ser privilegiadas na formação de um futuro técnico de desporto? Esta questão é provavelmente o fator mais relevante da discussão que estamos fazendo, coloca-se a incerteza no que será um futuro técnico profissional do desporto.

O Desporto na era da hipermodernidade

Na era da hipermodernidade, exacerba-se o hiperindividualismo. Segundo Lipovetski (2015, p.58), “mesmo os comportamentos individuais são tomados na engrenagem do extremo como testemunha o frenesim consumidor, as práticas de doping, os desportos radicais, os assassinos em série, as bulimias, as anorexias, a obesidade, as compulsões e as dependências”. O corpo é entendido de modo hipervalorizado, fazendo com a saúde do corpo seja o assunto determinante da vida dos indivíduos, que se querem autonomizar. Existe, portanto, uma dialética da patologia, comportamental e social, versus a vivência saudável do corpo e dos indivíduos. Todos os meios justificam a valorização do individual, mesmo que para tal se confunda o sucesso e o fracasso das atividades.

Esta preocupação ocupa também autores como A.Toffler e H.Toffler (2008), quando questionam até onde poderá ir a sociedade em termos de hipervelocidade e de relações tão diferentes na utilização do tempo. Alguns cidadãos libertam-se das rotinas e prazos fixos enquanto outros continuam formatados nos horários e planos temporais do passado.

O nosso (hiper) tempo, nesta era de velocidade e leveza, condiciona o des-

porto como atividade que gere um tempo social. “A velocidade das operações e das mudanças acelera-se, o tempo falta e torna-se um problema ao impor-se no centro de novos conflitos sociais. Tempo de escolha, horários flexíveis, tempo de lazer, dos jovens, da terceira e quarta idade: a hipermodernidade multiplicou as temporalidades diversas” (Lipovetski, 2017, p.61). O desporto do tempo passado ressurgiu, valorizando a retoma e as práticas antigas. O futuro apresenta-se com inquietude, face às incertezas e à dificuldade de traçar e manter um rumo. No desporto, estas temporalidades podem fazer variar significativamente as práticas sociais. Portanto, é o tempo presente que ganha importância renovada, pela necessidade de otimizar as funções e as atividades dos indivíduos.

O papel do desporto nesta era é de obsolescência, assim como todas as atividades e produtos que se revelaram importantes na época anterior. Lipovetski (2017, p.63) afirma que “dos objetos industriais ao lazer, dos desportos aos jogos, da publicidade à informação, da higiene à educação, da beleza à alimentação, por todo lado se desenvolve a obsolescência acelerada dos produtos de oferta e dos modelos (...)”. Esta constatação é a evidência do tempo que se acelera e do interesse relativo e circunstancial que os produtos e as atividades têm para os cidadãos. E o desporto também segue a mesma tendência, como se verifica pelo valor efêmero dos resultados desportivos. As práticas desportivas são válidas para um presente imediato e intenso. Vivemos a era da novidade, da hiper-escolha, do bem-estar, do divertimento, do lazer. Todas as atividades desportivas são descartáveis a curto prazo, não se medindo o impacto que podem ter no futuro.

A nossa visão do corpo revela a enorme insegurança da existência. Pensamos com receios sobre a nossa imagem, a moda, a leveza do corpo. “A redução de peso torna-se um fardo, o hedonismo recua perante o medo, as servidões do presente parecem mais pregnantas que a abertura de possibilidades provocada pela individualização da sociedade” (Lipovetski, 2015, p. 68). Trata-se sobretudo da valorização do prazer, do consumo, do lazer, do bem-estar. Mas sabemos que o prazer da atividade desportiva, se transforma na insegurança, com mais *stress* e mais ansiedade para atingir os objetivos propostos, logo, menos ligeira, menos leve. Este facto configura uma contradição dialética que nos mantém num estado de conflito e de insatisfação.

Existe naturalmente uma ameaça do futuro face ao presente. A incerteza e a velocidade do presente dificultam a elaboração de planos para os tempos vindouros. A educação é um dos processos fundamentais para garantir uma boa qualidade no exercício profissional do futuro. No entanto, temos no momento em que vivemos um dualismo, a confrontação do tempo contra o tempo. Isto

é, o tempo do presente versus o tempo do futuro. Para Lipovetski (2015, p.75), “hoje, os jovens mostram-se, muito cedo, inquietos com a escolha dos seus estudos e com as oportunidades que lhes são oferecidas. A espada de Dâmoçles do desemprego leva os estudantes a optar pelas formações prolongadas e escolher cursos cujos diplomas sejam considerados uma segurança para o futuro”. Considera relevante o papel do ensino superior na preparação dos jovens para o futuro, sendo que o combate à insegurança e à ameaça do futuro será um presente consolidado e competente. Assim, na formação em Desporto, as instituições devem preparar-se para oferecer programas que tenham a evidência da qualidade e da aplicabilidade profissional imediata.

Ainda, sobre o desporto nesta era, temos o culto da saúde na esfera das atividades desportivas. É um regresso ao passado, é um revivalismo da importância que o desporto tem na saúde dos praticantes. Mas, é sobretudo, uma aplicação da ideologia da prevenção que consubstancia a era da hipermodernidade nas sociedades ocidentais. “Cada vez mais vigilância, despiagem e prevenção: alimentação saudável, perda de peso, controlo dos níveis de colesterol, não fumar, praticar atividades físicas, a obsessão narcísica da saúde e da longevidade segue lado a lado com a prioridade do futuro sobre o imediato” (Lipovetski, 2015, p. 77). Aí temos o desporto como fator de melhoria da condição de saúde do cidadão, mas atenção que a prevenção pode ser viciante e transformar o desporto positivo em ansiedade e peso excessivo. O mesmo autor conclui que “o indivíduo hipermoderno continua a ser um indivíduo para o futuro, um futuro declinado na primeira pessoa”. Assim, o desporto será um meio de acentuar o hiperindividualismo na perspectiva de um futuro imediato e com resultados na sua própria condição individual.

A qualidade da formação nas profissões do Desporto

Ao apontarmos diversos constrangimentos sobre o futuro da formação de técnicos de desporto importa também referir alguns dos critérios de qualidade que esta formação exige, para podermos configurar modelos e análises que se projetam num futuro imediato.

Temos as profissões do desporto na atualidade, num quadro de exigência que merece uma análise comparativa. Os técnicos de desporto são os técnicos de exercício físico, os diretores técnicos de ginásios, os treinadores de

desporto (modalidades desportivas), os técnicos de desportos de natureza, os gestores das organizações desportivas, os professores de educação física e de desporto, etc.. Isto quer dizer que existe um quadro regulamentar para o exercício das profissões do desporto, que ainda revela fragilidade na clarificação das atividades e das responsabilidades dos profissionais

O que podemos esperar do futuro? Claramente um foco no indivíduo, logo nas profissões de relação interpessoal, de serviços e assistência. Uma preocupação acentuada sobre o ambiente, daí que a formação dos técnicos a intervir com o desporto neste contexto exige uma necessidade de melhor referência e responsabilização. O âmbito da saúde, em que os profissionais do desporto sempre tiveram uma ação e intervenção significativa, que certamente terá um incremento importante face à ideologia da prevenção. E também as áreas tecnológicas, em que o digital e miniaturização terão um papel importante, necessitando de especialistas do desporto para a sua operação e intervenção. Mas, certamente, outras áreas se abrirão para os técnicos de desporto, devendo estes estar preparados para a inovação que o futuro imediato lhes proporcionará.

Na apreciação da qualidade exigida aos técnicos de desporto, façamos um exercício com foco no treinador de desporto.

No quadro de referência proposto por ICCE et al. (2013), indica-se que os treinadores enfrentam muitas distrações e pressões que podem afetar a sua visão e função. E concluiu-se que ao concentrar a sua atenção e energia responderão melhor às necessidades dos atletas e otimizarão o seu desempenho nos respetivos desportos. Sendo, portanto, fundamental a formação dos técnicos de desporto sobre o conhecimento dos atletas e do seu desempenho, num desporto específico.

Os mesmos autores concluem que é um pré-requisito para ser treinador ter um forte interesse e compromisso para com a atividade desportiva positiva e para o desenvolvimento de cada atleta, garantindo que os treinadores desenvolvam uma filosofia de treino com valorização ética, orientada para os objetivos centrados nos atletas. Deste modo, os técnicos de desporto deverão desenvolver uma consciência moral positiva, focada nos atletas e no seu bem-estar, através da expressão da motivação para o exercício profissional.

E ainda, para orientar a melhoria dos atletas, os treinadores devem promover a avaliação dos resultados em sintonia com as necessidades e progresso dos atletas.

Em consequência, os programas de formação e de desenvolvimento do treinador de desporto devem promover a melhoria das competências e dos

conhecimentos necessários para trabalhar com atletas que têm sempre especificidades próprias. Estas assunções estão vertidas na reflexão que temos vindo a realizar neste capítulo, valorizando a necessidade de leveza dos processos de formação dos técnicos, mas salvaguardando os conhecimentos e as competências fundamentais para a intervenção no desporto com praticantes com características específicas.

Portanto, consideramos que o técnico de desporto desenvolve a sua performance profissional, por etapas, adquirindo as competências e os saberes ao longo dos processos de formação.

Então, que competências deve ter um técnico com formação superior em Desporto?

O nosso entendimento associa-se ao texto do quadro europeu de qualificações que situa o técnico de nível 6, como um técnico capaz de resolver com qualidade os problemas do treino e da intervenção no desporto com praticantes e contextos muito específicos.

O Quadro Europeu para as Qualificações (Parlamento Europeu e Conselho, 2008) identifica três categorias de resultados na formação do nível 6, que iremos adaptar ao contexto da formação em desporto. Os conhecimentos, sendo que o formando deverá ter conhecimento aprofundado do desporto e das ciências do desporto, que implica uma compreensão crítica das teorias e princípios. As aptidões, tratando-se de aptidões avançadas que revelam a mestria e a inovação necessárias à resolução de problemas complexos e imprevisíveis no desporto e em ciências do desporto. E as atitudes, necessárias para gerir as atividades ou os projetos profissionais complexos, assumindo a responsabilidade da tomada de decisões nos contextos imprevisíveis do desporto, e revelar responsabilidade em matéria de gestão do desenvolvimento profissional individual e coletivo.

O atleta somente deverá ser sujeito à prescrição de treino por técnicos de desporto que tenham as competências adequadas, garantindo a sua saúde e integridade complexa como ser humano, sendo considerada uma intervenção profissional de qualidade, garantida através da formação de nível superior.

O estatuto profissional e social do técnico de desporto é equivalente aos existentes nas atividades e profissões como, treinador de desporto, técnico de exercício físico, professor de educação física, professor de ensino básico, técnico de educação especial, cinesioterapeuta, fisioterapeuta, enfermeiro, fisiologista do exercício, médico (especialidades), técnico de intervenção social, etc..

Nestas profissões são exigidas competências de diagnóstico do movimento e prescrição do exercício, ou melhor, de avaliação e controlo do treino e da performance dos praticantes.

Por outro lado, a missão social dos técnicos de desporto está no combate à obesidade e à inatividade física. E também é missão destes técnicos a educação para a cidadania e para um desporto limpo, para os valores da solidariedade e da transparência, do respeito e da igualdade.

Estes técnicos são atores deste fenómeno social complexo que é o desporto.

Os desafios do futuro profissional na área do desporto são explorados por diversos autores como Cronin et al. (2018) que afirmam que *“Although tangential areas such as child protection and safeguarding have received more academic consideration, care in coaching is an area that researchers have recently begun to explore”*. As abordagens de fronteira, multi e transdisciplinares serão um fator de intervenção fundamental no futuro próximo, garantindo uma capacidades de adaptação dos técnicos aos novos desafios profissionais.

Questões finais (ou iniciais!...)

À guisa de conclusão, refletimos sobre o que poderá ser o desporto e a formação nesta era da leveza e da velocidade acelerada, num futuro que é presente.

Que Desporto?

Como poderemos refletir sobre o futuro do desporto, se, conforme afirma Sérgio (2019, p.71), *“Muita gente que pontifica, no desporto nacional e internacional, ainda não ultrapassou, nem o mecanicismo cartesiano, nem o solo epistemológico do positivismo. No futebol, há muita gente que pensa que sabe explicar o futebol, sem nunca o ter compreendido. Compreendido? Sim, porque ao nível do humano nada escapa à ordem dos valores e das significações, mesmo como exigência do rigor metodológico”*. Estendo, naturalmente, a reflexão do autor ao desporto em geral, ficamos com a sensação que ainda estamos muito longe de qualquer revolução social.

Mas, tal constatação não nos deixa esmorecer a vontade que temos de desbravar caminhos para um futuro melhor, mais ativo e com mais qualidade.

Lipovetski (2017, p.88) afirma que “ao contrário dos desportos clássicos centrados no confronto, na competição e no desempenho com pontos, os desportos de deslizamento caracterizam-se pela busca de sensações vivas, de vertigem, de emoções, longe dos quadros regulamentares e dos condicionamentos normalizadores. Afirmou-se uma nova cultura desportiva cujo objetivo já não é a vitória sobre o outro, mas o divertimento, o “brilho”, a beleza das figuras gestuais. (...)”. Será este o futuro do desporto? Deslizando para uma atividade social efémera e intensa, circunscrita ao momento presente. O desporto irá evoluir para a atividade espetáculo centrada sobre os ícones e ídolos singulares, num primado do hiperindividualismo?

Efetivamente, a mudança que se perspetiva sugere uma nova sistemática do desporto, uma nova abordagem do processo pedagógico, de treino e aprendizagem. Estas considerações deverão fazer refletir os especialistas da formação dos técnicos de desporto.

Que formação?

No desconforto da realidade das instituições de ensino superior o questionamento surge como uma afronta que nos provoca e hostiliza. É citando Bento (2019, p. 133) que nos sentimos verdadeiramente desafiados. “Estamos encaalhados num modelo de sociedade e universidade. Sairemos dele, se o dermos por gasto e buscarmos a superação. Para isso é curial pensar o impensado. Ora os pensadores escasseiam, devido ao facto de a *vita contemplativa* ser marginalizada em benefício da *vita activa* e de a inquietação hiperativa, a agitação e o desassossego atuais não se casarem bem com o pensamento”. Este modelo de sociedade, “em consequência de uma pressão temporal cada vez maior, tende a não fazer mais do que reproduzir o mesmo” (Han, 2016, p. 129), provocando a nossa criatividade e genialidade para as soluções de inovação que se exigem à sociedade e à universidade.

As grandes mudanças nos processos de educação são já visíveis. A formação à distância, a desmaterialização do ensino e da aprendizagem, são fatores de inovação na área da formação de técnicos de desporto. Os professores, os planos de estudo, as unidades curriculares, as metodologias de avaliação, a didática, a tecnologia educativa, tudo isto está em franca ebulição, na procura de melhores e mais leves processos de educação.

“Mas é ilusório pensar que os malabarismos das redes, a autoformação e outras atividades lúdicas e pessoais sejam suficientes para formar espíritos estruturados. Não pode haver verdadeira liberdade intelectual sem o peso da aprendizagem organizada e da transmissão de saber” (Lipovetski, 2017, p.

322). A consciência de que existe um corpo de saberes, conceptuais e tecnológicos, que é fundamental adquirir através dos processos educativos, parece ser o equilíbrio desejado num futuro próximo que se agiganta perante o presente ultrapassado.

Para Lipovetski (2017, p.325) devemos “conciliar o melhor do novo e o melhor do antigo, inventar uma nova pedagogia sem cair nos desvarios de um ensino light, destruturado e sem carácter linear: este é um dos grandes desafios da educação democrática na era hipermoderna”.

Concluindo...

Em síntese, embora este capítulo seja uma abordagem de despistagem das principais questões na formação de técnicos de desporto, nesta era da hipermodernidade. Vemos como desafio para um futuro imediato a necessidade de reconstrução dos modelos de formação, com uma nova pedagogia, mais leve e mais veloz, centrada nas competências operativas profissionais e nas abordagens para o desenvolvimento da capacidade de tratamento e pesquisa da informação necessária ao bom desempenho profissional.

Estamos perante uma nova era da nossa sociedade, a existência de um tempo leve e vertiginoso. Assim, os fenómenos sociais complexos como o desporto, também seguirão a tendência evolutiva dialética. Transformar-se-á numa atividade mais volátil, mais intensa, focada nos individualismos exacerbados e mediatizados, originando uma maior relevância nos setores do efémero, do lazer, do espetáculo, do icónico. Mesmo, os processos de formação pelo desporto tenderão a ser mais leves e mais rápidos no caminho para os seus objetivos.

Teremos, certamente, um novo profissional no desporto, com uma formação mais leve e operativa, um técnico mais versátil e autónomo, especializado nos contextos da intervenção profissional e ajustado à inovação e à tecnologia emergente no futuro próximo.

Referências Bibliográficas

Bento, J. (2019). Ainda existe a Universidade? Um retrato da universidade hodierna. *Revista Contemporânea de Educação*, 14(29), jan/abr, 115-135. <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i29.20876>

Conselho da Europa. (1992). *Carta Europeia do Desporto*. 7ª Conferência dos Ministros Europeus responsáveis pelo Desporto, 14/15 Maio, Rhodes. <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/Doc120.pdf>

Cronin, C., Armour, K., & Gano-Overway, L. (2018). Care theory and sport coaching. Em C. Cronin e K. Armour (Eds.), *Care in Sport Coaching - Pedagogical Cases*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351109314>

ICCE, ASOIF & LMU (2013). *Quadro de Referência Internacional para a Formação de Treinadores*. Human Kinetics.

Lipovetsky, G. & Charles, S. (2015). *Os tempos hipermodernos*. Edições 70.

Lipovetsky, G. (2017). *Da leveza. Para uma civilização do ligeiro*. Edições 70.

Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. Cosac Naify.

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez, UNESCO.

Parlamento Europeu e Conselho. (2008). Recomendação do parlamento europeu e do conselho, de 23 de Abril de 2008, relativa à instituição do Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida. *Jornal Oficial da União Europeia, C111, 1-7*.

Sarmiento, P. (2018). Desporto e desenvolvimento humano. Em J. Bento, W. Moreira, A. Loureiro, A., H. Baguinho, B. Botelho & T. Marinho (Eds.), *Cuidar da Casa Comum: Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física*, Vol 1, Casa da Educação Física, 165-172.

Sérgio, M. & Lemos, F. (2019). Futebol: necessárias rupturas. *Motricidades: Rev. SPQMH, 3(1), jan.-abr, 69-76*. <http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463.2019.v3.n1.p69-76>

Toffler, A. & Toffler, H. (2008). *A revolução da riqueza. Como será criada e como alterará as nossas vidas*. Actual Editora.